

A RELAÇÃO HISTÓRICA ENTRE RELIGIÃO E CIÊNCIA – A FORMAÇÃO DO CARÁTER RELIGIOSO DA SOCIEDADE NO SÉCULO XXI¹.

Breno Vinicius da Silva Oliveira²

RESUMO

O processo de racionalização permite ao homem tomar suas decisões baseado em meios técnicos que a ciência oferece, analisando os efeitos colaterais e também a repercussão de suas ações. Todavia, a racionalização para se consolidar como característica fundamental de uma sociedade necessita se incorporar às instituições estatais e a interpretações culturais, além de fazer parte do caráter e da personalidade do homem moderno. A racionalização é o processo pelo qual a cultura foi alterada, rompendo com o antigo e suas estruturas.

A atual cultura religiosa existente demonstra-se cada vez mais plural e fragmentada, se tornando mais complexa com o tempo. O ser humano se torna autônomo e escolhe aquilo que lhe é mais conveniente, e as diversas expressões religiosas, pluralistas por natureza, quebram antigos monopólios sagrados se tornando um porto seguro para o novo modelo religioso.

Palavras-Chave: Ciência. Religião. Racionalismo. Sociedade.

ABSTRACT

The rationalization process allows man to make decisions based on technical means that science offers, analyzing the side effects and the impact of their actions. However, the rationalization to be consolidated as a fundamental characteristic of a society need to incorporate state institutions and culture interpretations, and is part of the character and personality of modern man. Rationalization is the process by which the culture has changed, breaking with the old and its structures.

The current existing religious culture demonstrates increasingly plural and fragmented, becoming more complex with time. The human being becomes autonomous and choose what is most convenient for you, and the different religious expressions, pluralistic by nature, breaking ancient sacred monopolies becoming a safe haven for the new religious model.

KEYWORDS: Science. Religion. Rationalism. Society.

¹ O presente artigo faz parte de um projeto de pesquisa para mestrado sobre a influência da religião no processo de ensino aprendizagem de ciências naturais para alunos do ensino médio.

² Mestrando em Ciências das Religiões, pela Faculdade Unida de Vitória-ES. Pós-graduado em Programa Saúde da Família, pela Universidade Iguazu (UNIG – Itaperuna). Pós-graduado em Ciências da Religião, pela Faculdade de Nanuque-MG (FANAN). Pós-graduado em Ciências Biológicas, pela Faculdade de Nanuque-MG (FANAN). Graduado em Enfermagem, pela Universidade Iguazu (UNIG – Itaperuna). Graduado em Licenciatura Plena em Biologia, pela Faculdade de Ciências da Bahia (FACIBA). E-mail: brenovsoli@gmail.com.

INTRODUÇÃO

Religião e ciência sempre estiveram presentes no imaginário humano, sendo ferramentas fundamentais para a própria sobrevivência da espécie. Apesar de serem estruturalmente disciplinas distintas, por anos caminharam lado a lado onde uma complementava a outra. Havia a necessidade de formar e permitir o desenvolvimento do conhecimento como um todo, e não havia a necessidade de se estabelecer limites, estes limites entre as ciências se manifesta como fruto do iluminismo e com a modernidade. Notava-se a presença do sagrado em todos os ramos da sociedade, mesmo em meios tipicamente científico.

O movimento racionalista foi o responsável por questões mais profundas envolvendo a fé, e então a antiga religião perde espaço diante da nova formação social, existindo em um determinado momento a ruptura entre as áreas de pesquisa. A velha religião pauta na fé e na subjetividade abre espaço para o crescimento do conhecimento crítico e racionalista, neste novo paradigma o homem é livre das amarras impostas pela tradição religiosa e torna-se capaz de questionar, pesquisar e propor teorias que contrariam o antigo sistema. Desta maneira o secularismo ganha terreno na modernidade, assim ao homem coube basear seus interesses em bases técnicas e científicas, excluindo o transcendente deste processo. Para Nietzsche este processo culmina com a morte de Deus, ou seja, a religião e o poder exercido pela igreja perdem espaço no imaginário coletivo e nas esferas de poderes a ponto de parecer nunca ter existido.

Ao contrário do que pensa Nietzsche a religião sobrevive ao processo de racionalização e sai deste processo fortalecida. O homem pós-moderno rompe com modelos dogmáticos e hierarquizados, adotando como característica a flexibilidade e a subjetividade diante de verdades absolutas. A religião se estabelece na sociedade não mais institucionalizada e única, mas como modelo plural onde o homem é livre para de maneira racional satisfazer sua necessidade espiritual. Cada indivíduo é capaz de produzir sua própria cultura religiosa de acordo com seus paradigmas e sua maneira de ver a realidade. A sociedade pós-moderna, longe de eliminar a religião de seu meio, tem modificado e reorganizado utilizando-a como ferramenta ao seu favor.

A RELAÇÃO HISTÓRICA ENTRE RELIGIÃO E CIÊNCIA

A religião e a ciência se relacionaram ao longo da história como conhecimentos complementares, porém nota-se que a definição de tais termos como os conhecemos hoje se deu recentemente, a partir do século XVIII, com o advento do iluminismo, onde o conhecimento bruto, erudito é ramificado em áreas específicas de estudo. Embora exista uma visão de conflito entre religião e ciência numa história recente, segundo autores como Ian G. Barbour (Barbour, 2000) e Peter Harrison (Harrison, 2010, p. 1-17), esse modelo é considerado tendencioso e superficial. Até o final do século XVII durante o surgimento da ciência moderna, esta continuava diretamente ligada à religião. Autores como Isaac Newton, considerado o pai da física clássica, descreve o átomo como uma criação de Deus: “Parece provável para mim que Deus no começo formou a matéria em partículas móveis, impenetráveis, duras, volumosas, sólidas (...) nenhum poder comum sendo capaz de dividir o que Deus, ele próprio, fez na primeira criação” (Newton, 1996, p. 295-296). O renascimento e, na sequência, o movimento iluminista deram início ao processo de rompimento da religião com a ciência moderna.

Durante a antiguidade, pensadores não precisavam se preocupar com os limites ou fronteiras estabelecidas, pois estes não existiam como os conhecemos, portanto, estavam interessados em desenvolver um conhecimento único, assim matemática, filosofia, física e religião pertenciam ao conjunto de saberes que se complementavam, uma filosofia que abrangia todos os aspectos funcionais do universo. Até por volta do século XVI a religião era um dos fundamentos da sociedade medieval, estando presente em todos os níveis da sociedade, sendo no comércio, na política e na ciência o objeto doutrinador. O sagrado se tornava enraizado no coração e na mente da população, alcançando até mesmo os centros de estudos. Nesse momento da história, a Teologia se torna a ferramenta capaz de interpretar os sinais divinos, sem ela nada se produzia. Trata-se de um período marcado pela centralidade das ações em Deus. Sobre este período Rubem Alves diz:

Conhecer alguma coisa era saber a que fim ela se destinava. E os filósofos se entregavam à investigação dos sinais que, de alguma forma, pudessem indicar o sentido de cada uma e de todas as coisas. E é assim que um homem como Kepler dedica toda a sua vida ao estudo da astronomia na firme convicção de que Deus não havia colocado os planetas no céu por acaso. Deus era um grande músico-geômetra, e as regularidades matemáticas dos movimentos dos astros podiam ser decifradas de sorte a revelar a melodia

que Ele fazia os planetas cantarem em coro, no firmamento, para o êxtase dos homens (ALVES, 2008, p. 42-43).

Diante de uma nova conjectura social, onde se desenvolvia a lógica racional, estimulada pelo iluminismo, teólogos buscavam por comprovações racionais para o que consideravam verdades bíblicas. John Toland pressupõe-se que aquilo que se apresenta como verdade da Revelação também se pode justificar racionalmente. Do contrário deverá ser excluído da religião (CAIRNS, 1995, p. 323).³ Estas teorias religiosas eram tradicionalmente fixadas como sendo uma cosmovisão definitiva e desta forma aceita por todos há cerca de 1500 anos. Nesse período a igreja começa a perder força e poder e suas teorias começavam a ser questionadas. Com a busca por novas evidências os teólogos se encontravam diante de dois caminhos: como resultado da investigação, reconhecer novas evidências e transformar a base estrutural da sociedade em que estavam inseridos, destituindo a igreja de seu pedestal sacrossanto e do poder capaz de influenciar a sociedade ou fechar os olhos para tais evidências ignorando-as, validando e confirmando as Escrituras como infalível revelação divina. Dá-se início ao processo de ruptura entre antiga religião e a nova ciência, “aconteceu, entretanto, que aos poucos, mas de forma constante, progressiva, crescente, os homens começaram a fazer coisas não previstas no receituário religioso” (ALVES, 2008, p. 44), nascia uma nova cosmovisão, norteada pela ciência através da razão e não mais dependente da fé.

O papel da religião em ciência transformou-se profundamente, de ator a uma memória “proibida”, quase que embaraçosa. Será que essa separação entre ciência e religião é realmente necessária? Sem dúvida. Ela serve como proteção contra o subjetivismo na prática científica, garantindo que a ciência continuará a ser uma linguagem universal numa comunidade extremamente diversificada. O discurso científico é, e deve ser, livre de qualquer conotação teológica (GLEISER, Marcelo. 2000, p. 193).

³ Toland, através do livro *O cristianismo não é misterioso* (1696), foi um dos responsáveis pelo início da controvérsia deísta na Inglaterra.

O ENFRAQUECIMENTO RELIGIOSO E A ASCENSÃO DO RACIONALISMO

O iluminismo trouxe uma nova filosofia, despertando um ar de otimismo com relação ao futuro do homem, o paradigma religioso dominante na antiguidade abre espaço para um avanço pautado no uso crítico e construtivo da razão, o racionalismo crescente permite ao homem ser controlador de seu próprio destino, é o fim da coletividade submissa e o surgimento de uma liberdade individual. A filosofia iluminista buscava estabelecer o direito individual, se chocando com a mentalidade medieval e também com a religiosa. A igreja pregava que tudo existia e acontecia pela obra de Deus, não sendo o homem capaz de modificar sua condição social ou política. O novo paradigma permite ao homem ser o que quiser, contrariando as imposições da religião e sua razão divina. Ficou evidente que o racionalismo e a ciência seriam os meios necessários para a “suprema faculdade do homem” (CASSIRER, p. 15).

O desenvolvimento da ciência e o avanço do homem como ser individual torna evidente que Deus não se fazia necessário na sociedade moderna. O Deus cristão, antes dominante em todas as áreas da sociedade, perde seu espaço e sua influência. A igreja que ditava valores e normas por toda a Europa, não é capaz de sustentar seus paradigmas e a fé perde seu valor. Para Friedrich Nietzsche a modernidade matou Deus, este não possui mais espaço. Com o desenvolvimento da ciência moderna, o fundamento de todas as coisas deixa de ser estabelecido em Deus, agora é estabelecido na ciência. Deus é colocado num plano secundário.

De fato, nós, filósofos e ‘espíritos livres’, ante a notícia de que ‘o Velho Deus morreu’ nos sentimos como iluminados por uma nova aurora; nosso coração transborda de gratidão, espanto, pressentimento, expectativa – enfim o horizonte nos aparece novamente livre, embora não esteja limpo, enfim os nossos barcos podem novamente zarpar ao encontro de todo perigo, novamente é permitida toda a ousadia de quem busca o conhecimento, o mar, o nosso mar, está novamente aberto, e provavelmente nunca houve tanto ‘mar aberto’ (NIETZSCHE, 2001, p. 233).

No pensamento nietzschiano, a morte de Deus, mostra uma desconstrução do paradigma religioso e define a fé como amuleto ou até mesmo um caminho para ascensão social e no futuro seria apenas um caminho para os pobres de espírito consigam superar seus sofrimentos. Nietzsche reconhece na religião uma ferramenta capaz de dominar o homem para

que renuncie a si mesmo para que suas ações sejam governadas por valores superiores. Porém quando o homem assume o comando de suas atitudes cabe à religião apenas massagear o ego ferido da humanidade.

O surgimento do pensamento cético acerca de Deus evidencia que para uma sociedade desenvolvida não há lugar para a fé. Teóricos modernos creem que para o avanço da humanidade se faz necessário superar a dependência de um Deus. John Polkinghorne sobre o discurso cético diz:

Muito do tom do discurso cético contemporâneo já foi estabelecido pelos Mestres da Suspeita do século XIX, Friedrich Nietzsche e Sigmund Freud. O primeiro uma vez se referiu às verdades como ilusões, e o segundo, por meio de sua obra na psicologia humana, sugeriu que as reais motivações para nossas crenças frequentemente se escondem em profundezas inconscientes, sendo muitas vezes diversas daquelas que nos são propostas por nossos egos conscientes (POLKINGHORNE, 2008, p. 19).

Os mestres da suspeita⁴, nomenclatura segundo Paul Ricoeur (RICOEUR, 1978), creem que através da razão científica, o homem pode alcançar grandes feitos para seu futuro. Diante da possibilidade da união entre a racionalidade e a vontade humana em produzir grandes avanços, o cristianismo surge como o grande vilão e maior empecilho para o desenvolvimento social e científico. Karl Marx interpreta o cristianismo como produto social, intimamente relacionado com a estrutura econômica.

...O homem, que na realidade fantástica do céu, onde procurara um ser sobre-humano, encontrou apenas o seu próprio reflexo (...). É este o fundamento da crítica religiosa: o homem faz a religião; a religião não faz o homem. E a religião é de fato a autoconsciência e o sentimento de si do homem, que ou não se encontrou ainda ou voltou-se a perder-se. Mas o homem não é um ser abstrato, acorçado fora do mundo. O homem é o mundo do homem, o Estado, a sociedade. Este Estado e esta sociedade produzem a religião, uma consciência invertida do mundo, porque eles são um mundo invertido. A religião é a teoria geral deste mundo, o seu resumo enciclopédico, a sua lógica em forma popular, o seu point d' honneur espiritualista, o seu entusiasmo, a sua sanção moral, o seu complemento solene, a sua base geral de consolação e

⁴ Segundo Ricoeur, em *O conflito das interpretações. Ensaio de hermenêutica*, a partir de Nietzsche, Marx e Freud, a consciência passa a ser considerada como consciência falsa, isso querendo dizer que, a partir deles, estabeleceu-se a crítica à ideia cartesiana de que o sentido e a consciência do sentido coincidem. Eles instauraram a dúvida sobre os poderes da consciência em apreender o sentido do mundo e de si mesma de maneira evidente, de maneira clara e distinta. Segundo Ricoeur, o cogito cartesiano “penso, logo existo”, a auto apreensão imediata do sujeito foi posta em questão pela descoberta do inconsciente em Freud, do ser social em Marx e da vontade de poder em Nietzsche.

de justificação. É a realização fantástica da essência humana, porque a essência humana não possui verdadeira realidade. Por conseguinte, a luta contra a religião é indiretamente a luta contra aquele mundo cujo aroma espiritual é a religião. A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o íntimo de um mundo sem coração e a alma de situações sem alma. É o ópio do povo (MARX, p. 77-78).

Com o processo de afastamento da religião, emerge no seio da sociedade moderna um espaço ocupado pelo princípio de racionalização, daí o homem rompe com os limites impostos pela igreja e avança em direção a diferentes paradigmas e cosmovisões.

O PROCESSO DE RACIONALIZAÇÃO DO HOMEM

A compreensão do processo de racionalização do homem permite uma melhor definição da modernidade que dominou as novas concepções fixadas pela ciência moderna, uma vez que a nova cosmovisão do sistema capitalista e a noção de estado são resultados de um mundo altamente racionalizado. Pierucci afirma que “cada esfera de valor, ao se racionalizar, se justifica por si mesma: encontra em si sua própria lógica interna – uma legalidade própria...” (PIERUCCI, 2003, p. 138), a visão absolutista da religião que em muitos momentos da história submetia debaixo de si todo o ramo da sociedade, como promotora exclusiva de saber, deixou de ser dominante e passou a conviver em igualdade com outras esferas de valores. Sobre a racionalização e a divisão de saberes, independentes da religião e capazes de serem autossuficientes, Weber diz: “A divisão tornou-se habitualmente mais ampla na medida em que os valores do mundo foram racionalizados e sublimados em termos de suas próprias leis” (WEBER, 1982, p. 379), quanto mais a autonomia nas esferas de valores aumenta, mais distante da religião tal esfera se localiza e o resultado desse processo é um conflito entre o conceito religioso e as demais esferas da sociedade.

O termo “racionalismo” vem do latim *ratio* (“razão”), empregado para dizer que toda a verdade se origina no pensamento humano sem nenhuma ajuda de intervenção sobrenatural nem do recurso à experiência dos sentidos. A frase “autonomia do pensamento humano” refere-se, quase sempre, a essa posição. Segundo esse ponto de vista, os seres humanos podem desenvolver verdades universais e necessárias por meio do uso adequado e próprio das capacidades naturais da razão. O racionalismo apela, em geral, ao conceito

de “ideias inatas” para afirmar a existência de ideias naturalmente implantadas na mente humana (MCGRATH, 2005, p. 78).

Karl Marx em seu discurso adota uma postura crítica em relação ao capitalismo. Para ele a modernidade é produto do capitalismo como modelo estabelecido pela sociedade, “a ordem social emergente da modernidade é capitalista tanto em seu sistema econômico como em suas outras instituições” (GIDDENS, 1991, p. 20), porém Max Weber vê no racionalismo o alicerce da modernidade. Para Weber o materialismo de Marx sempre existiu na humanidade, o desejo pela riqueza e o impulso por acumular bens estavam presentes e, portanto, não deve ser utilizado como fundamento para o capitalismo moderno. O argumento utilizado por Weber mostra a ação de expectativa de lucro baseada em uma operação racional, lógica e calculista. “O ocidente veio a conhecer, na era moderna, um tipo completamente diverso e nunca antes encontrado no capitalismo: a organização capitalista racional assentada no trabalho livre” (WEBER, 1997, p.7). A racionalidade aflorou o desejo e expandiu as possibilidades de enriquecimento, o capitalismo moderno se difere do capitalismo antigo devido a presença da racionalidade na modernidade

O capitalismo racional como Weber o caracteriza, compreende os mecanismos econômicos especificados por Marx, incluindo a transformação do salário em mercadoria. Ainda assim, capitalismo neste uso significa simplesmente algo diverso do mesmo termo como ele aparece nos escritos de Marx. A racionalização, conforme expressa na tecnologia e na organização das atividades humanas, na forma da burocracia é a tônica (GIDDENS, 1991, p. 21).

O processo de racionalização permite ao homem tomar suas decisões baseado em meios técnicos que a ciência oferece, analisando os efeitos colaterais e também a repercussão de suas ações. Todavia, a racionalização, para se consolidar como característica fundamental de uma sociedade, necessita se incorporar às instituições estatais e a interpretações culturais, além de fazer parte do caráter e da personalidade do homem moderno. A racionalização é o processo pelo qual a cultura foi alterada, rompendo com o antigo e suas estruturas.

A religião surge ao longo da história como fonte de concepções de mundo e do ser humano, sendo capaz de ditar condutas individuais na vida social. Weber em sua obra, *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, procura demonstrar a influência das ideias religiosas no processo de construção da sociedade capitalista ocidental. Weber destaca “...o caráter

predominante protestante dos proprietários do capital e empresários, assim como das camadas superiores da mão de obra qualificada” (WEBER, 1997, p. 29). No meio protestante os fiéis apresentam maior tendência ao racionalismo econômico.

Com o avanço do racionalismo através da cultura e da economia, ocorre o desencantamento do mundo, ou seja, a eliminação da magia e do sobrenatural como influência nas tomadas de decisão e na estruturação do pensamento moderno. A racionalidade ganha então uma nova lógica, pautada no empirismo. Habermas (HABERMAS, 2003) destaca que, para Weber, o desencantamento do mundo é um indicativo da racionalização, ou, para ser mais preciso, o grau de racionalização é medido pelo grau da superação do pensamento mágico.

Diante do novo momento filosófico e existencial vivido pelo homem, a religião perdeu sua força coativa sobre os indivíduos, perdendo força também nas demais esferas de valor presente na sociedade moderna. Com a ausência da religião nestas novas esferas, estas criam seus próprios códigos de conduta individual e coletiva. A religião fica reduzida a escolhas morais do homem e as consequências de suas ações. O homem passa a ter sua conduta pautada na escolha subjetiva do agente, ou seja, a esfera de valor que o ser humano dedica maior atenção, acaba ditando as regras da sua vida. Wolfgang Schluchter (SCHLUCHTER, 2000), afirma que quem, na modernidade secularizada, quer conduzir a vida de forma consciente é forçado a afirmar certos valores e negar outros através de uma decisão subjetiva. A religião se torna, no processo de racionalização, apenas mais uma esfera de valor, sem qualquer tipo de predominância sobre as outras. A religião ainda é capaz de ser o referencial de muitos e até mesmo controlar suas condutas, porém dividindo espaço com outras esferas de valores e assim seu domínio possui intensidade menor que em outrora.

Quando falamos sobre a história ocidental moderna, a secularização manifesta-se na retirada das Igrejas cristãs de áreas que antes estavam sob seu controle ou influência: separação da Igreja e do Estado, expropriação das terras da Igreja, ou emancipação da educação do poder eclesiástico, por exemplo. Quando falamos em cultura e símbolos, todavia, afirmamos implicitamente que a secularização é mais que um processo sócio estrutural. Ela afeta a totalidade da vida cultural e da ideação e pode ser observada no declínio dos conteúdos religiosos nas artes, na filosofia, na literatura e, sobretudo, na ascensão da ciência, como uma perspectiva autônoma e inteiramente secular, do mundo. Mais ainda subentende-se aqui que a secularização também tem um lado subjetivo. Assim como há uma secularização da sociedade e da cultura, também há uma secularização da consciência. Isso significa, simplificando, que o Ocidente moderno tem

produzido um número crescente de indivíduos que encaram o mundo e suas próprias vidas sem o recurso às interpretações religiosas (BERGER, 1985, p. 119).

É importante notar que tal contexto de secularização evidencia uma realidade europeia e não condizente com o processo de secularização brasileiro. No Brasil o processo de separação entre o estado e a igreja foi quem permitiu que a igreja católica perdesse seu espaço e a partir daí deu início ao processo de secularização no Brasil. A secularização brasileira permitiu o despertar de uma liberdade religiosa que resultou na manifestação de religiões que eram oprimidas pelo poder católico. Enquanto a religião católica extremamente institucionalizada perdia espaço a religiosidade aflorava por todos os lados da sociedade brasileira. O fenômeno religioso permanece presente na sociedade brasileira, porém a secularização e a racionalidade diminuem a fidelidade institucional e permitem ao fiel a liberdade para frequentar ao mesmo tempo diferentes tipos de cultos. Segundo Monteiro, “o pluralismo religioso no Brasil, isto é, o reconhecimento legal da diversidade de cultos e a garantia de liberdade religiosa foi o resultado de um longo debate político-científico em torno daquilo que o Estado (e a sociedade) podiam legitimamente reconhecer e aceitar como prática religiosa” (MONTERO, 2009, p. 7-16).

O PAPEL DA RELIGIÃO NA SOCIEDADE DO SÉCULO XXI

Ao contrário do que se imaginava durante o período de racionalização da humanidade, o pensamento religioso sobreviveu e continua difundido por toda a sociedade pós-moderna (HABERMAS, 1987, p. 116)⁵ e não apenas abrangendo pessoas desinformadas ou de classes sociais mais baixas. É comum a disputa por espaço entre a ciência e a religião, na mente de alunos e professores, em ambientes acadêmicos, por exemplo. O retorno do homem ao sagrado, ao meio religioso e ao culto a sua divindade são marcas da pós-modernidade. O homem pós-moderno rompe com modelos dogmáticos e hierarquizados, adotando como característica a flexibilidade e a subjetividade diante de verdades absolutas. Na pós-modernidade não há espaço para valores e verdades absolutas, “O provisório, o efêmero, o

⁵ Segundo Habermas, em *Arquitetura moderna e pós-moderna*, a pós-modernidade tem como primeiro pressuposto o fato de que ela experimenta “uma descontinuidade, o distanciamento em relação a uma forma de vida ou de consciência na qual anteriormente se havia confiado de maneira ingênua e irrefletida”.

fútil e o temporário são mais expressivos que o eterno, o imutável, o integrado, o harmônico e o sublime. A mistura é melhor que a pureza” (BENEDETTI, 2003, p. 69).

Ninguém está completamente à vontade na sociedade pós-moderna. Estamos todos contaminados por uma epidemia silenciosa de insegurança e de angústia. A oferta generosa e abundante de definições da realidade, à semelhança de um shopping bem sortido, garante ao indivíduo maior espaço para sua liberdade, mas simultaneamente, descarrega sobre ele o difícil ônus de construir sua própria identidade sem lhe oferecer referências sólidas (BAUMAN, 2001, p.136).

A pós-modernidade revela o homem como meio e como fim. O ser humano, dotado de profunda individualidade e racionalidade, substituindo as instituições religiosas e suas definições universais por conceitos capazes de atender à necessidade momentânea do indivíduo. A cosmovisão oferecida pela igreja, que apresenta um Deus único e imutável, que oferece uma coesão cultural-religiosa dá lugar a cosmovisão estabelecida para atender interesses individuais, baseados na racionalidade e na independência de escolha do ser humano. A sociedade se desenvolve em um modelo altamente pluralista, onde é grande a quantidade de definições sobre a vida e o universo. Segundo Azevedo “há uma série de perspectivas religiosas mundiais dentro de uma sociedade, e nenhuma delas detém o controle ou tônus crítico-social” (AZEVEDO, 1991).

A atual cultura religiosa existente demonstra-se cada vez mais plural e fragmentada, se tornando mais complexa com o tempo. A rapidez dos sistemas de comunicação, a facilidade de locomoção e o avanço da tecnologia contribuem grandemente para a existência de diversas subculturas, costumes e valores numa mesma sociedade, “o que quer que aceitemos como verdade, e até mesmo o modo como a vemos, depende da comunidade da qual participamos” (GRENZ, 1997, p. 25). O ser humano se torna autônomo e escolhe aquilo que lhe é mais conveniente, e as diversas expressões religiosas, pluralistas por natureza, quebram antigos monopólios sagrados se tornando um porto seguro para o novo modelo religioso. Segundo Berger “a característica chave de todas as situações pluralistas, quaisquer que sejam os detalhes de seu pano de fundo histórico, é que os ex-monopólios religiosos não podem mais contar com a submissão de suas populações. A submissão é voluntária” (BERGER, 1985, p. 149).

O surto do sagrado é uma outra face da secularização da sociedade moderna e pós-moderna e não sua negação [...]. Prossegue na linha da individualização, da subjetivação, da privatização da religião na modernidade [...] as experiências religiosas vinculadas a uma Instituição, no caso do mundo ocidental, ao Cristianismo, quer na sua forma católica, quer protestante, perdem plausibilidade. Já não são as Igrejas ou religiões institucionais que criam necessariamente o espaço da experiência religiosa. Antes, pelo contrário, elas perdem força e deixam o sagrado solto, entregue às vivências pessoais, individuais em processo crescente de privatização e individualização (LIBÂNIO, 1996, p. 56).

Na pós-modernidade cada indivíduo é responsável por formar sua própria realidade religiosa, colocando em prática os diferentes elementos de vários matizes religiosos, ou seja, ao longo da vida todos os elementos de diferentes religiões estarão incorporados em um único sistema religioso, criado e validado para atender à necessidade momentânea do indivíduo. Surge desse processo as diversas religiões existentes, confirmando o absoluto direito de escolha do homem. Libânio afirma: “passa-se facilmente do pluralismo religioso, que reconhece corretamente a verdade de todas as religiões, à convicção de que todas as religiões são igualmente verdadeiras” (LIBÂNIO, 1996, p. 61). O importante é o que satisfaz o ser humano naquele momento.

A religião entra na pós-modernidade com todo o vigor, se as expressões “morte de Deus” e “era pós-cristã” refletiam a imagem do fim para o sagrado, hoje percebe-se que a fé em algo transcendente continua seduzindo o ser humano. Contudo, o desejo pelo sagrado atualmente traz enraizado em si mesmo as marcas do atual contexto cultural, político, econômico e religioso. “O individualismo, o pluralismo, o utilitarismo, a indústria do consumismo, deixam o indivíduo moderno desenraizado, dessubstancializado, desintegrado e solitário; assim os sistemas e as práticas religiosas aparecem-lhe como asilos afetivos e oásis de sentido, unificando-lhe a existência em pedaços” (MIRANDA, 1996, p. 47).

O sagrado parece ter se “deslocado” da religião. Anda solto pelo mundo, percorrendo os espaços da sociedade, da economia, da política, da cultura.... Liberaram o sagrado para ser vivido e sentido nos domínios mais variados, onde cada indivíduo constrói seu pequeno mundo... O espantoso e, ao mesmo tempo fascinante desta história, é que o sagrado tornou-se móvel, quase que “vagabundo” (no sentido radical do termo: sem residência certa, errante). Efêmero como a experiência de um instante (CALAMAN, 1998, p. 2).

A sociedade pós-moderna, longe de eliminar a religião de seu meio, tem modificado e reorganizado utilizando-a como ferramenta ao seu favor. A secularização produz um efeito capaz de enfraquecer a instituição, mas incapaz de eliminar a religião da vida das pessoas. O sagrado para sobreviver a este processo tem utilizado novas possibilidades subjetivas e individualistas, para o homem continuar a viver sua experiência religiosa independente da instituição em si. A sociedade pós-moderna valoriza o pluralismo, uma vez que este aponta para a autonomia do sujeito e para sua liberdade de escolha, pois estas características demonstram certa liberdade, o homem não se vê mais obrigado às influências impostas pelo sistema religioso antigo e inquestionável, além do fato de não haver as imposições veiculadas a instituições. O ser humano é estimulado a exercer o direito de escolha, os valores que eram transmitidos pela tradição religiosa, agora passam pelo crivo da escolha.

Para Jean-François Lyotard o pós-modernismo é definido como “a incredulidade em relação às metanarrativas. Esta é, sem dúvida, um efeito do progresso das ciências, mas este progresso pressupõe-na” (LYOTARD, 2011, p. 15) e de tal forma o pós-moderno revela a descrença em cosmovisões que se aplicam a explicar tudo e conseqüentemente determinavam regras de conduta para toda a sociedade. Lyotard vê a pós-modernidade alienando o indivíduo para o poder econômico e isso reflete nas artes, na filosofia e ciência. A ciência deixa de lado seu papel na compreensão do mundo e na qualidade de vida dos indivíduos como principal motivo de sua existência e se transforma em mais uma ferramenta capaz de produzir lucro. “O saber é e será produzido para ser vendido, e ele é e será consumido para ser valorizado numa nova produção: nos dois casos, para ser trocado. Ele deixa de ser para si mesmo seu próprio fim; perde o seu ‘valor de uso’” (LYOTARD, 2011, p. 05). O saber se transformará no elemento fundamental na competição pelo poder.

O Estado e/ou a empresa abandona o relato de legitimação idealista ou humanista para justificar a nova disputa: no discurso dos financiadores de hoje, a única disputa confiável é o poder. Não se compram cientistas, técnicos e aparelhos para saber a verdade, mas para aumentar o poder.

[...]

Este não é somente o bom desempenho, mas também a boa verificação e o bom veredicto. O poder legitima a ciência e o direito por sua eficiência, e esta por aqueles. Ele se autolegitima como parece fazê-lo um sistema regulado sobre a otimização de suas performances. [...] Assim, o crescimento do poder e sua autolegitimação passa atualmente pela produção, a memorização, a acessibilidade e a operacionalidade das informações (LYOTARD, 2011, p. 83-84).

Na modernidade a religião permanece inserida no contexto social, todavia, se relaciona em grau de igualdade com outras esferas da sociedade. Ciência e religião passam a ocupar um espaço comum em escolas, universidades e na vida das pessoas. A maneira como o ser humano se relaciona com essas disciplinas irá interferir no seu modo de vida e até mesmo em seu comportamento social, influenciando as tomadas de decisões, o estabelecimento de leis e até mesmo o surgimento de casos de fundamentalismo.

CONCLUSÃO

Portanto, com o desenvolvimento da modernidade, que trouxe à tona o pensamento crítico racionalista, a humanidade se deparou com o processo de secularização do homem. O ser humano pautado no novo modelo científico e dotado de conhecimento capaz de fornecer uma nova maneira de ver a realidade se afasta do modelo único proposto pela igreja. Ocorre então uma mudança de paradigma e como consequência o início de um processo conhecido como desencantamento do mundo, onde o transcendental, a magia e a fé não fazem parte das tomadas de decisão e da estruturação do pensamento coletivo. Porém, o fenômeno religioso está enraizado na natureza humana e mesmo que os paradigmas sejam totalmente contrários aos fundamentos do modelo religioso tradicional, o transcendental continua localizado na mente humana.

O século XXI trouxe um novo modelo religioso, onde o fenômeno é vivido pelos fiéis, todavia, o indivíduo transita entre vários meios, buscando satisfazer seu transcendental e ao mesmo tempo permanecendo livre para uma reflexão crítica. Permitindo o desenvolvimento de diversos segmentos de fé e uma grande pluralidade cultural e religioso.

O ser humano se torna independente do sistema religioso e assim se torna autônomo e escolhe aquilo que lhe convém, onde os antigos monopólios são substituídos por modelos mais pluralistas e dinâmicos. Cabe ao homem moderno formar sua própria realidade religiosa e assim não é obrigado a viver sob as influências do sistema religioso antigo, de tal forma o pós-moderno revela a descrença em cosmovisões que se aplicam a explicar tudo e consequentemente determinavam regras de conduta para toda a sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *O que é Religião*. São Paulo: Vozes, 2008.
- AZEVEDO, M. S. J. *Entroncamentos e entrelagos: vivendo a fé em um mundo plural*. São Paulo: Loyola, 1991.
- BARBOUR, Ian. *Quando a Ciência encontra a Religião - Inimigas, Estranhas ou Parceiras?* São Paulo, Cultrix, 2000.
- BAUMAN, Z. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.
- BENEDETTI, R. L. *Pós-modernidade: abordagem sociológica*. In: TRASFERETTI, J.; GONÇALVES, P. S. L. (orgs). *Teologia na Pós-modernidade: abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo: Paulus. 1985.
- CAIRNS, Earle E. *O Cristianismo Através dos Séculos*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1993.
- CALAMAN C. (org.). *A sedução do sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CASSIRER, E. [1932] *A filosofia do Iluminismo*. Tradução de Álvaro Cabral. Campinas: Unicamp, 1992.
- GIDDENS, Antony. *Consequências da Modernidade*. São Paulo: Unesp, 1991.
- GLEISER, Marcelo. *A dança do Universo: dos mitos de Criação ao Big Bang*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- GREINZ, S. J. *Pós-modernismo: um guia para entender a filosofia do nosso tempo*. São Paulo: Vida Nova, 1997.
- HABERMAS, Jürgen. *Teoria de la acción comunicativa*. Buenos Aires: Taurus Humanidades, 2003.
- HARRISON, Peter. *The Cambridge Companion to Science and Religion*. Cambridge, Cambridge University Press, 2010.

LIBÂNIO, J. B. *Desafios da pós-modernidade à teologia fundamental*. São Paulo: Paulinas, 1996.

LYOTARD, J.F. *A Condição pós-Moderna*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

MARX, K., *Contribuição à crítica da filosofia do direito de Hegel*. In: MARX, K., *Manuscritos econômico-filosóficos*.

MCGRATH, Alister E. *Fundamentos do diálogo entre ciência e religião*. São Paulo, SP: Loyola, 2005.

MIRANDA, M. F. *Um homem perplexo: o cristão na atual sociedade*. São Paulo: Loyola, 1996.

MONTERO, P. *Secularização e espaço público: a reinvenção do pluralismo religioso no Brasil*. Etnográfica, 2009.

NEWTON, Isaac. In: *COLEÇÃO OS PENSADORES: NEWTON*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

POLKINGHORNE, John. *Explorando a Realidade: o entrelaçamento de ciência e religião*. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

PIERUCCI, A. F. *O Desencantamento do mundo: Todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: 2003.

RICOUER, P. *O conflito das interpretações*. Ensaio de hermenêutica; Id., *Da interpretação: ensaio sobre Freud*.

SCHLUCHTER, Wolfgang. *Politeísmo dos Valores*. In: SOUZA, Jessé. (org). *A Atualidade de Max Weber*. Brasília: UnB, 2000.

WEBER, M. *Rejeições religiosas do Mundo: In: Ensaio de sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____. *A ética protestante o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1997.